



OS DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM: UMA ANÁLISE DAS DIFICULDADES EM SALA DE AULA

CORREA, Silvana Serra Costa. **Os distúrbios de aprendizagem: Uma análise das dificuldades em sala de aula.** Florianópolis: Id Acadêmico, 2024.

RESUMO

O artigo tem como objetivo demonstrar os distúrbios de aprendizagem: Uma análise das dificuldades em sala de aula. O termo distúrbio refere-se a uma perturbação ou mudança no comportamento usual de um indivíduo. Alguns profissionais da área da saúde, como médicos, psicólogos e educadores, interpretam os distúrbios como desafios ou obstáculos no processo de ensino e aprendizagem. Para esses especialistas, os distúrbios podem ter origem em questões biológicas, neurológicas, intelectuais, psicológicas, socioeconômicas ou educacionais, podendo dificultar o aprendizado das crianças. Neste estudo, foi empregada uma técnica que incluiu uma análise de literatura através do Google Acadêmico. Foram reunidos vários estudos e textos científicos de revistas nacionais das últimas épocas, com foco em artigos da revista Scielo. Foram descartadas publicações que não estavam relacionadas ao assunto em questão. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa e descritiva. Em oposição a essas perspectivas, argumentamos que os problemas de aprendizagem devem ser considerados dentro de um contexto mais amplo, examinados à luz das circunstâncias sociais e econômicas de uma época específicas e entendidas dentro do ambiente social em que se manifestam.

Palavras - Chave: Distúrbios de aprendizagem, Sala de aula, Afetividade.

SUMMARY

The article aims to demonstrate learning disorders: An analysis of difficulties in the classroom. The term disorder refers to a disturbance or change in an individual's usual behavior. Some health professionals, such as doctors, psychologists and educators, interpret disorders as challenges or obstacles in the teaching and learning process. For these experts, disorders can originate from biological, neurological, intellectual, psychological, socioeconomic or educational issues, which can make it difficult for children to learn. In this study, a technique was used that included a literature analysis using Google Scholar. Several studies and scientific texts from recent national magazines were gathered, focusing on articles from Scielo magazine. Publications that were not related to the subject in question were discarded. The research adopted a qualitative and descriptive approach. In opposition to these perspectives, we argue that learning problems must be considered within a broader context, examined in light of the specific social and economic circumstances of an era, and understood within the social environment in which they manifest.

Keywords: Learning disorders, Classroom, Affectivity.

INTRODUÇÃO

O termo distúrbio significa perturbação ou alteração no comportamento habitual de uma pessoa. Para alguns médicos, psicólogos ou educadores, distúrbios são problemas ou dificuldades no processo de ensino-aprendizagem. Para estes

profissionais, distúrbios são perturbações de origem biológica, neurológica, intelectual, psicológica, sócio- econômica ou educacional, que podem tornar-se um obstáculo para a aprendizagem das crianças.

Outros preferem reservar a expressão distúrbios de aprendizagem, apenas para casos de crianças com dificuldade de aprendizagem de causas desconhecidas, uma vez que essas crianças não apresentam deformidades físicas, sensoriais, emocionais ou intelectuais de alguma espécie. Os distúrbios, como da fala, da audição, de comportamento ou emocionais, tem sua origem em diversas causas, porém eles se constituem em empecilho à aprendizagem, prejudicando-a ou pelo menos impedindo de obter um aprendizado de acordo com suas necessidades. O que antes era um assunto apenas de interesse de médico, psiquiatra, psicólogo, clínico escolar ou terapeuta, se aprofundar nas causas desses distúrbios hoje deve ser de interesse também do educador, descobrir sua origem, seus sintomas e se possível seu tratamento.

Cada indivíduo tem seu próprio tempo de aprendizagem, seu ritmo biológico, de ação para constituir sua individualidade. As dificuldades de aprendizagem levam indivíduos a se desenvolver lentamente, enquanto outros conseguem acompanhar de forma gradual. Contudo podemos dizer que a aprendizagem é um processo pessoal e individual, segundo Piaget (2000) as crianças possuem um papel ativo na construção do próprio conhecimento, ou seja, o construtivismo. O conhecimento é externo, aprendemos de acordo com nossas vivências. Assim, as primeiras aprendizagens servem de pré- requisitos para as subsequentes.

Nesse contexto, a criança absorve conhecimento através de experiências tangíveis, utilizando seus sentidos como guias. Cada um desses sentidos se conecta ao centro de aprendizagem por meio de nervos situados nos diferentes hemisférios do cérebro. Todo aprendizado é armazenado em outra parte do cérebro: a memória, onde é mantido até que seja necessário. Dessa forma, a criança recorre às informações previamente guardadas para aprender. A memória desempenha um papel crucial no processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com Piaget, a inteligência é um exemplo de comportamento adaptativo que vai se desenvolvendo desde os primeiros anos de vida, em um processo contínuo. Essas diferenças ocorrem em virtude das diferentes potencialidades de cada criança (herança genética), da motivação, do meio ambiente cultural e social mais ou menos estimulador e também da exercitação dessas

potencialidades. Nesse cenário, as dificuldades de aprendizagem são discapacidades específicas e não discapacidades globais e, como tal, são distintas da deficiência mental. (PIAGET, 2000, apud CORREIA, 2004).

A pesquisa tem a finalidade de demonstrar os diversos tipos de distúrbios de aprendizagem, pois o objetivo é evidenciar que eles dificultam o processo de ensino e aprendizagem e possuem reflexos negativos no desenvolvimento cognitivo dos estudantes.

Diagnóstico prévio de distúrbios em sala de aula

Dizemos que a criança está pronta para aprender, quando ela apresenta um conjunto de condições, capacidade, habilidades e aptidões consideradas como pré-requisito para o início de qualquer aprendizagem. Nesse sentido, a análise educacional está relacionada à identificação específica dos problemas, sendo crucial priorizar a identificação do problema mais comum naquele ambiente escolar (seja econômico, social, relacionado aos professores, etc.), o que permitirá uma orientação e aconselhamento adequados. É relevante lembrar que, ao examinar o comportamento humano, geralmente discutimos mais sobre as possibilidades de vários fatores ocorrerem do que sobre a certeza de um fator específico acontecer. Além disso, é fundamental investigar não apenas o problema aparente apresentado pela pessoa, mas também a questão real, destacando a distinção entre sintomas e causas.

O nosso intuito é de que se haja uma avaliação diagnóstica, enquanto essa criança está na alfabetização, ou seja, deve-se ter um diagnóstico antes de ser inserida no ensino Fundamental 1, pois seguramente já terá desenvolvido essas capacidades ou então demonstrado suas deficiências, como os distúrbios que serão abordados aqui. Se essa criança não recebeu um diagnóstico na educação infantil, cabe ao professor do 1º ou 2º ano do ensino fundamental 1, fazer essa avaliação logo no início do ano letivo, antes de qualquer tentativa de ensino e antes mesmo de se elaborar um planejamento de atividades. De acordo com os autores:

Os alunos com necessidades educacionais especiais são aqueles alunos que por apresentar algum problema de aprendizagem ao longo de sua escolarização exigem uma atenção mais específica e maiores recursos educacionais do que os necessários para os colegas de sua idade” (COLL; PALACIOS; MARCHESI, 1995, p. 11).

A proposta é de que se tenha um diagnóstico prévio, mais precisamente uma avaliação diagnóstica que consiste em submeter à criança a uma série de provas, que reúnam todas as capacidades necessárias à aprendizagem. Ao primeiro mês de aula, conhecido como período preparatório, deve-se reservar para essas provas de avaliação. Esse período seria de sondagem de cada aluno. Cada aluno tem sua própria personalidade, cabe ao professor definir qual aula será indicada para o aluno, fazer um levantamento da sala, para assim fazer um bom nível inicial de aprendizagem. Assim estará evitando futuros distúrbios de aprendizagem e mapeando os mais comuns.

Detectando os distúrbios de aprendizagem em sala de aula

Alguns professores não têm a capacitação necessária para diagnosticar graves distúrbios de aprendizagem, também sabemos que muitas escolas não lhe dão o suporte necessário para isso, porém é através da observação, que esse professor poderá detectar diferenças ou falhas nos desempenhos dos alunos, por exemplo, observando cuidadosamente:

O modo de agir do professor perante as dificuldades do aluno também irá determinar a maneira como os outros alunos irão interagir e enxergar os alunos que possuem dificuldades. Sob este aspecto faz-se necessário que o professor assuma a responsabilidade que lhe cabe para o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos que apresentam dificuldades, pois mesmo que o aluno precise de um atendimento especializado isso não isenta o professor de seu compromisso e responsabilidade em ensinar aquele aluno, visto que “[...] é possível acolher 27 todas as crianças na escola quando se assume a responsabilidade pela aprendizagem de todos os alunos.” (CHALUH, 2009, p. 82).

Se o professor constatar alguma dificuldade não mencionada, deverá registrá-las na ficha individual do aluno. Persistindo o problema, antes de estabelecer qualquer programa de recuperação, o professor deverá pedir a assistência ao pedagogo da escola ou diretor, para tentar chegar ao consenso em relação ao desenvolvimento cognitivo do aluno. Nesse contexto, Pacheco corrobora que: “Questionar o diagnóstico das dificuldades de aprendizagem, alegando confusão entre problemas relacionados à disciplina do aluno em classe, à sua adaptação social à sala de aula ou às

expectativas do professor em relação ao comportamento ideal do aluno” (PACHECO, 2005, p. 48).

Partindo desse pressuposto, a escola em parceria com o professor, a família desta criança é comunicada, e orientada a procurar um especialista adequado para o caso, como por exemplo: clínico Geral, fonoaudiólogo, psicólogo, oftalmologista, otorrino. Esta avaliação diagnóstica é uma garantia para o professor de que seus alunos serão mais bem sucedidos na aprendizagem, se ele conhecer de início suas capacidades de realização, suas deficiências e os casos problemáticos. Além disso, é um meio de facilitar a integração dos alunos no ambiente escolar.

Passados pelos devidos especialistas, onde serão investigadas as condições físicas, psíquicas, históricos educacionais, histórias de seus fracassos e sucessos, o professor em parceria com a escola, dos pais, orientados pelo especialista, poderão executar o programa de mediação específico para a dificuldade diagnosticada de aprendizagem diagnosticada desse aluno. A adaptação dessa criança nem sempre é fácil, é nesse período que ela estará fazendo a transição entre o ambiente da sala ou escola de alfabetização para o 1º ou 2º ano do ensino fundamental 1, ou seja, é um ambiente que envolve mudança de horário, de professores, de colegas, um ambiente mais formal. De acordo com Smith e Strick:

É muito importante identificar os pontos fortes dos estudantes com dificuldades de aprendizagem por várias razões. Em primeiro lugar, eles precisam usar seus pontos fortes para compensar as áreas fracas. Embora façam isso até certo ponto instintivamente, o processo de aprendizagem pode ser bastante simplificado se todos (em especial o aluno) entenderem de forma clara quais são seus pontos fortes. (Pode rapidamente ficar claro, por exemplo, que um aluno que tem dificuldades com a escrita, mas fala bem, deva começar ditando seus primeiros rascunhos das lições a alguém que escreva bem, a um gravador ou a um computador.) Em segundo lugar, a fim de manterem sua auto-estima, é importante que os estudantes com dificuldades obtenham amplas oportunidades de fazer o que conseguem fazer bem. A escola geralmente lhes dá muito tempo para a prática do que fazem mal, e, sem algum equilíbrio, essas crianças tendem a acabar se sentindo fracassadas. (SMITH; STRICK, 2012, p. 111-112).

Ao analisar essa situação, questionamos a frequência de avaliações psicoeducacionais que acabam transferindo um problema social do ensino para o âmbito individual da aprendizagem. Segundo Meira (2003), na maioria dos casos, essas avaliações se limitam a identificar o aluno. Dessa forma, aceitam a reclamação apresentada como real, considerando-a um fato concreto e verdadeiro relacionado ao

indivíduo. É importante destacar que tais práticas contribuem para culpar a criança por não aprender, tornando-a suscetível a ser rotulada como alguém com distúrbios de aprendizagem.

As primeiras colaborações de pedagogos, educadores e médicos na aprendizagem

Os pedagogos e os educadores foram os primeiros a se preocuparem com os distúrbios apresentados por crianças com dificuldades em qualquer tipo de aprendizagem. Nessa mesma época, Ponce de Leon, monge beneditino, iniciou um trabalho pioneiro na educação de surdos-mudos. Com o passar dos tempos, outros educadores começaram a se dedicar às crianças que apresentavam vários tipos de distúrbios. Nesse sentido, podemos destacar o trabalho de notáveis educadores do século XIX, como:

Itard – Realizou estudos sobre percepções e retardo mental;

Pereire – Preocupou-se com a educação dos sentidos, principalmente a visão e tato;

Pestalozzi – Com bases nas ideias de educação natural de Rousseau e na filantropia, característica de sua época, fundou um centro de educação, que abrigava crianças pobres de todas as idades, usava-se o método intuitivo e natural e estimulavam principalmente as percepções.

Seguin – Fundou na França a primeira escola de reeducação, publicou um livro sobre o tratamento das crianças abandonadas dos idiotas, criou um método educativo para eles. Nesse cenário, Smith e Strick destacaram que:

Sob este aspecto as crianças com dificuldades para aprendizagem, [...] cujos cérebros desenvolvem-se desigualmente, às vezes, desenvolvem qualidades e talentos incomuns. Thomas Edison e Albert Einstein estão entre os gênios que tiveram problemas de aprendizagem; a lista de celebridades nos esportes, nos negócios, na política e nas artes que tiveram sérias dificuldades com a leitura, com a escrita ou com a matemática na escola é longa. Os pais e os educadores observam que as crianças com problemas de aprendizagem são, com frequência, excepcionalmente criativas. Já que as soluções tradicionais nem sempre funcionam para elas, tornam-se inventivas na elaboração de suas próprias soluções (SMITH; STRICK, 2012, p. 27-28).

Como já demonstrado anteriormente, boa parte da produção científica atual

sobre os desafios na área da educação tem se concentrado, em sua maioria, nas características individuais - que são consideradas naturalmente problemáticas, separando o indivíduo do contexto social no qual está inserido. Além disso, as características humanas frequentemente são vistas como atemporais, sendo descritas como constantes presentes em todas as épocas e em todos os seres humanos (PAIVA, 2001). Indo contra essas abordagens, nosso ponto de vista é que os distúrbios/dificuldades de aprendizagem precisam ser contextualizados - analisados levando em conta as condições sociais e econômicas de uma determinada época histórica - e compreendidos dentro da sociedade em que surgem.

Assim, é imprescindível que analisemos a qualidade das interações estabelecidas em diversos ambientes sociais (como família e escola), uma vez que a fragmentação das relações entre as pessoas tornou-se uma característica da era pós-moderna, na qual observamos o surgimento de verdadeiras epidemias de dificuldades de aprendizagem.

Aspecto afetivo-social

De modo geral toda a criança tem suas peculiaridades e particularidades que são herdadas de seus pais, ou seja, no ambiente familiar. Portanto, quando a criança chega à escola, ela já possui características de personalidade definidas. Ela enfrenta um processo de adaptação em outro ambiente e seguramente diferente de seu lar. Além disso, mudanças psicológicas se dão nessa fase (entre seis e sete anos).

A criança está saindo de um período que se chama egocentrismo, em que ela acha que tudo gira em torno dela e é incapaz de se colocar na posição do outro. Não gosta de obedecer e frequentemente sofre de medo irracional. É propensa a mentir e inventar histórias incríveis e é muito ciumenta. Sua entrada na escola é por vezes traumática, pois a mesma perde a liberdade de ação ficando sujeita a regras da disciplina e as regras do professor que, para ela, é a autoridade máxima da escola.

O contato diário com os colegas é importante para estimular a socialização. Nessa ocasião ela se sente abandonada por seus pais. Obedecer ao sinal, entrar em fila, usar uniforme, sentar-se em determinado lugar são outros fatores que contribuem para sua inadaptação e insegurança. É, portanto, necessário que, ao entrar na escola de ensino fundamental, a criança já tenha certo amadurecimento social e uma capacidade de adaptação que lhe permitam superar a crise emocional que esse novo

ambiente poderá lhe causar.

Nesse contexto, o preparo de uma criança para o processo de aprendizagem em geral depende de uma complexa integração das funções neurológicas, que precisam ser exercitadas para que amadureçam harmoniosamente. Testes comprobatórios realizados por Hunt, Bloom e Deutsch afirmam a importância que o ambiente exerce sobre o indivíduo, chegando mesmo a transformar crianças que possuíam potencialidade normal em crianças incapacitadas para o aproveitamento de aprendizagem formal.

A educação nas séries iniciais é fundamental, pois permite compreender a significativa influência da interação entre pessoas e ambiente no desenvolvimento cognitivo infantil. Mais do que qualquer outro nível de ensino, as séries iniciais têm o papel de proporcionar tais condições de crescimento (PIAGET, 1995).

Estudos anteriores destacam a importância das relações entre professores e estudantes na promoção de atitudes positivas em relação ao conteúdo das disciplinas e aos docentes (Dias, 2003; Espinosa, 2002; Morales, 2001). Pesquisas realizadas por Chaves e Barbosa (1998), Felden (2008) e Ribeiro (2008) revelaram que os alunos se interessam mais pelas disciplinas quando os professores mantêm uma relação amigável, elogiam, incentivam, trocam ideias sobre os deveres e questionam sobre suas vidas, demonstrando afeto ou, no mínimo, não sendo agressivos.

Em síntese, fica evidente que os alunos têm mais afinidade com as matérias lecionadas por docentes com os quais se conectam melhor, já que o comportamento desses educadores afeta a motivação, a participação e o empenho nos estudos. Portanto, incentivar um aluno não se resume a uma questão de técnica, mas sim da relação estabelecida com ele.

Método

Neste estudo, foi utilizada uma abordagem metodológica que envolveu uma revisão da literatura por meio do Google Acadêmico. Diversos textos científicos e artigos de revistas nacionais foram coletados ao longo das últimas décadas, com foco nas publicações da revista *Scielo*. Foram excluídas as obras que não estavam relacionadas ao tema em análise. A pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa e descritiva. De acordo com Gil (1999), a pesquisa qualitativa é definida da seguinte forma:

[...] há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo

indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem (GIL, 1999, p.42).

Segundo Marconi e Lakatos (2003), é ressaltado que tanto a investigação documental quanto a pesquisa bibliográfica exploram os diferentes estudos ligados ao assunto, sendo essas bases teóricas essenciais para a realização da pesquisa. Marconi e Lakatos (2003, p. 158) afirmam que: “O conjunto do material coletado, aproveitável e adequado variará de acordo com a habilidade do investigador, de sua experiência e capacidade em descobrir indícios ou subsídios importantes para seu trabalho”.

O estudo de natureza qualitativa foi um aspecto importante desta pesquisa. Seu propósito é investigar minuciosamente o fenômeno, reunindo relatos e examinando detalhes e experiências pessoais. De acordo com Chizzotti (2009), pesquisas qualitativas apresentam cinco características essenciais que as distinguem. Algumas dessas são: envolvimento no contexto natural, informações descritivas, ênfase nos procedimentos, consideração do significado e aplicação de análises dedutivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a maior parte dos estudos atuais sobre os problemas de ensino tem se concentrado principalmente nas características individuais, consideradas como naturalmente problemáticas, separando o sujeito de sua sociedade. Além disso, as características humanas são frequentemente vistas como atemporais, sendo consideradas constantes em todas as épocas e para todos os indivíduos.

Em contraposição a essas visões, defendemos que os distúrbios/dificuldades de aprendizagem devem ser contextualizados - analisados à luz das condições sociais e econômicas de uma determinada época histórica - e compreendidos dentro do contexto social em que surgem. Portanto, é crucial avaliar a qualidade das interações estabelecidas em diferentes ambientes sociais, como a parceria entre família e a escola, levando em consideração que a fragmentação das relações entre as pessoas se tornou uma característica da pós-modernidade, resultando em verdadeiras epidemias de problemas de aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHALUH, L. N. Grupo e trabalho coletivo na escola: trocando olhares, mudando práticas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 25, n. 01, p. 63-84. abr. 2009.
- CHAVES, A. M. & BARBOSA, M. F. Representações **sociais de crianças acerca da sua realidade escolar**. Estudos de Psicologia (Campinas), 15 (3), 29-40. 1998.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 10.ed. São Paulo, editora Cortez, 2009, p.52.
- COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- CORREIA; L.M. **Problematização das dificuldades de aprendizagem nas necessidades educativas especiais**. Análise Psicológica, v. 22, n. 2, p. 369-376, 2004.
- DIAS, A. M. S.; **O desenvolvimento pessoal do educador através da biodança**. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade Federal de Alagoas, Maceió. 2003.
- ESPINOSA, G.; **La relation maître-élève dans sa dimension affective: un pivot pour une différenciation des pratiques pédagogiques enseignantes?** In L. Lafortune, P. Mongeau (Dir.), *L'affectivité dans l'apprentissage* (pp.159-181). Québec: Presses de l'Université du Québec. 2002.
- FELDEN, E.L. Universo **escolar: o lugar da afetividade no processo de ensinar e aprender**. Anais do 14o Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Porto Alegre. 2008.
- GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MORALES, P.; **A relação professor-aluno: o que é, como se faz**. (3ª ed). São Paulo: Loyola. 2001.
- PACHECO, J. A. **Estudos Curriculares: para a compreensão crítica da educação**. Porto: Porto Editora, 2005.
- PAIVA, C. L. N. **Indivíduo e sociedade: uma contribuição ao estudo dos comportamentos**. Dissertação de Mestrado Não-Publicada, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá. 2001.
- PIAGET, J. **Desenvolvimento e aprendizagem**. Porto Alegre: UFRGS/FACED/DEBAS, 1995.
- PIAGET, J. **Biologia e conhecimento: Ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos**. (3. ed.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Publicado em 1967). 2000.
- RIBEIRO, M. L.; **A afetividade no bojo dos currículos de formação de professores**. Anais do 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino, Porto Alegre, RS. 2008.
- SMITH, C; STRICK, L. **Dificuldades de Aprendizagem de a-z: guia completo para educadores e pais**. Ed. rev. ampl. Porto Alegre: Penso, 2012.